

O ACENTO SECUNDÁRIO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: RESULTADOS DE UM EXPERIMENTO PILOTO

SECONDARY STRESS IN BRAZILIAN PORTUGUESE: RESULTS FROM A PILOT EXPERIMENT

Beatriz Pires Santana¹

RESUMO: O presente trabalho apresenta os resultados de um experimento piloto que investiga o papel da morfologia na variação da posição do acento secundário em palavras com um número ímpar de sílabas pré-tônicas no português brasileiro.

Palavras-chave: fonologia suprasegmental; acento secundário; fonética acústica.

ABSTRACT: The present work introduces the results of a pilot experiment which investigates the role of morphology in the variation of secondary stress in words with an odd number of pretonic syllables in Brazilian Portuguese.

Keywords: suprasegmental phonology; secondary stress; acoustic phonetics.

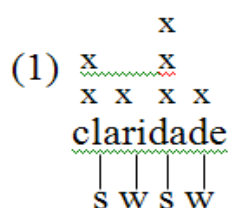
1. INTRODUÇÃO

Sabe-se que o português brasileiro (PB) e o português europeu (PE) apresentam padrões prosódicos bastante diferenciados. Apesar de a atribuição de acento primário ser igual nos dois sistemas, a atribuição de acento secundário parece ser diferente (cf. CARVALHO, 1989; ABAURRE; GALVES, 1998). A explicação que se costuma dar a essa

¹ Mestre, UFPR.

diferença é a de que os falantes de PB têm tendência a produzir padrões rítmicos binários e os falantes de PE a produzir padrões rítmicos com acento à esquerda.

Para palavras com somente duas sílabas pré-tônicas, o efeito dessa diferença métrica entre PB e PE fica obscurecido, visto que, em tais casos, as duas preferências são conjuntamente satisfeitas. Na palavra *claridade*, por exemplo, quando atribuímos o acento secundário à primeira sílaba, /kla-/, não só a preferência por produzir um padrão com proeminência à esquerda é satisfeita, como também a preferência pelo padrão binário, como podemos ver na grade métrica em (1) (PRINCE, 1983; SELKIRK, 1984).



Entretanto, quando nos deparamos com palavras com um número ímpar de sílabas pré-tônicas, as duas preferências entram em conflito e, assim, obtemos grades acentuais diferentes, a depender de qual das exigências se está cumprindo, como mostra (2). Em (2a) temos a representação da grade acentual da palavra *aplicação* para o PB (com padrão binário, violando o padrão com acento à esquerda) e em (2b) a grade acentual da mesma palavra para o PE (com padrão de acento à esquerda, violando o padrão binário).



Entretanto, esses padrões não se apresentam tão sistematicamente nas línguas. Em PB, por exemplo, há uma tendência para a pronúncia com um padrão com acento à esquerda para a palavra *quantificar*; já em PE, há a tendência para a pronúncia com padrão binário da palavra *vagabundagem*, violando o padrão com acento à esquerda (ABAURRE; GALVES, 1998). Isso se dá não só por haver fatores não métricos agindo sobre a padronização rítmica (como o peso das sílabas), como também pelo fato de o ritmo ser um fenômeno de *performance* e de ser, portanto, caracterizado pela variabilidade. Ainda assim, “[a]ssumir a variabilidade inerente ao fenômeno do ritmo lingüístico não implica, no entanto, assumir uma ausência de relação entre padrões rítmicos e fenômenos definidos por princípios gramaticais categóricos” (ABAURRE; GALVES, 1998). Tendo isso em vista, o presente trabalho pretende observar se há influência do histórico morfológico da palavra sobre a variação da posição do acento secundário em palavras com número ímpar de sílabas pré-tônicas.

2. HIPÓTESE

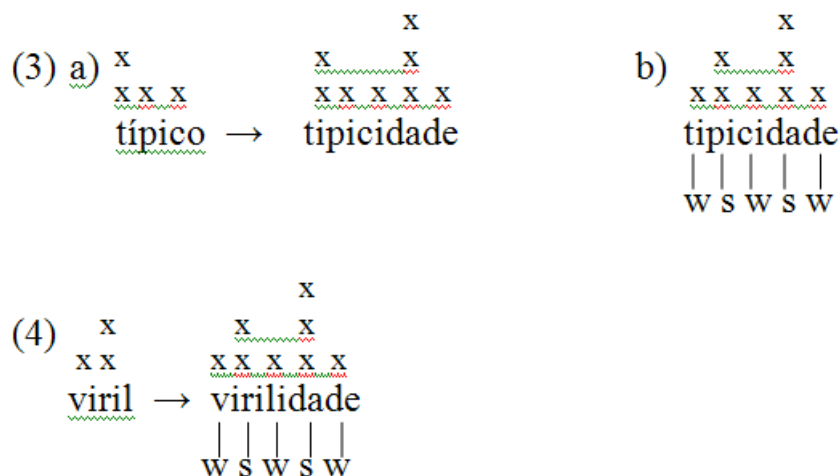
A hipótese de que partiremos é a de que o PB apresenta variabilidade na produção e na percepção do acento secundário das palavras, o que é motivado pela grade acentual da palavra de origem — para o caso das palavras derivadas. Essa hipótese vai contra a análise de Abaurre e Galves (1998) que, lançando mão dos mecanismos da Teoria da Otimalidade, prevê três restrições agindo sobre a atribuição

de acento secundário do PB (e do PE), nenhuma delas fazendo menção às propriedades morfológicas da palavra.

A hipótese adotada neste trabalho se baseia na observação de que alguns falantes de PB pronunciam a palavra *responsabilidade* como *respònsabilidáde* e outros como *rèspnsabilidáde*. Como o acento secundário da segunda pronúncia viola a preferência binária e recai justamente sobre a posição do acento secundário da palavra da qual deriva (*rèspnsável*), acreditamos que esse histórico morfológico é uma motivação para a existência das duas pronúncias diferentes.

Curiosamente, a observação da existência de dois padrões rítmicos diferentes para a palavra supracitada não emergiu da audição de um contexto discursivo 'normal', e sim de um contexto em que os falantes a realizaram de forma lenta e enfática. Uma possível hipótese explicativa para isso é que não existem correlatos fonéticos para os padrões rítmicos linguísticos, tendo o ritmo uma realidade cognitiva tão somente. Na tentativa de observar justamente essa hipótese, Frota e Vigário (2000) conduziram um experimento de percepção, em que foram gravadas sentenças lidas por falantes de PB e PE. Nesse experimento, foi pedido para que informantes brasileiros e portugueses contassem os acentos ouvidos nas gravações de cada uma das variedades. O resultado foi que os brasileiros contaram o dobro de acentos contados pelos portugueses, tanto em sua variedade nativa quanto na outra variedade, o que demonstra que os padrões métricos persistem independentemente da realidade do sinal. Por esse motivo, realiza-se neste trabalho, além do experimento de produção, também um experimento de percepção.

Dada a hipótese de saída, prevê-se que existam duas possíveis grades acentuais para palavras como *tipicidade*: uma que busca manter a grade acentual da palavra de origem, *típico* (ver (3a)), e outra que busca a otimização do padrão binário (ver (3b)). Ao contrário, prevê-se somente uma possibilidade de grade acentual para palavras como *virilidade*, visto que ambos os parâmetros confluem (ver (4)).



3. EXPERIMENTO DE PRODUÇÃO

3.1 PALAVRAS-ALVO

Para a realização do experimento, foi montado um *corpus* constituído de um pequeno “diálogo-veículo”, dentro do qual foram inseridas as palavras-alvo. As variáveis controladas são:

1. Sufixação: todas as palavras-alvo são formadas pelo sufixo *-idade*. Escolheu-se esse sufixo em particular por uma questão de produtividade: dentre os sufixos analisados, verificou-se que há um maior número de palavras que atendem aos parâmetros desejados por este estudo terminadas em *-idade* do que em qualquer outro sufixo derivacional.

2. Estrutura silábica: todas as sílabas das palavras-alvo têm a forma CV. Procurou-se controlar esse parâmetro pelo fato de a estrutura silábica interferir, segundo a literatura, no ritmo das palavras.

3. Qualidade vocálica: embora o ideal fosse que todas as vogais das palavras-alvo fossem a mesma, isso não é possível sem que se lance mão de logotomas ou que se

utilize palavras com baixíssima frequência de uso, o que acaba gerando problemas de outra natureza — como a impossibilidade de verificar o papel do histórico morfológico no ritmo da palavra. Por esse motivo, não nos foi possível controlar a qualidade vocálica idealmente, mas o fizemos minimamente da seguinte forma: todas as vogais das sílabas pré-tônicas são ou médias ou altas (i.e. nenhuma é baixa). Isso minimiza os efeitos da duração intrínseca das vogais, que é condicionada basicamente por sua abertura (quanto mais baixa, mais longa).

4. Outros processos morfológicos: nenhuma das palavras-alvo contém prefixos.

Controlando-se os quatro parâmetros listados acima, o que varia nas palavras-alvo são os parâmetros abaixo:

1. Número de sílabas pré-tônicas: as palavras-alvo foram divididas em (i) um grupo de palavras com três sílabas pré-tônicas e (ii) um grupo de palavras com cinco sílabas pré-tônicas.

2. Grade acentual da palavra de origem: os dois grupos já determinados pelo parâmetro acima foram ainda subdivididos em (i) palavras cuja palavra de origem tem *anacruse* e (ii) palavras cuja palavra de origem não tem *anacruse*. Tomamos emprestado o termo *anacruse* da música², transpondo-o analogicamente à seguinte definição linguística: sílaba não proeminente que precede a primeira proeminência da palavra à qual pertence. Fizemos essa escolha para não precisarmos nos comprometer com nenhuma teoria do constituinte ‘pé’, em especial pelo fato de haver teorias métricas que descartam a existência de tal constituinte (cf. SELKIRK, 1984; GORDON, 2002).

Dados os parâmetros controlados e variados descritos acima, segue o quadro com as palavras-alvo, organizado de acordo com as variáveis livres.

² Anacruse: nota ou grupo de notas que precedem o primeiro tempo forte do ritmo ao qual pertencem (SADIE, 1994, p. 28).

n.º sílabas pré-tônicas	Grade acentual palavra origem	Palavra de origem	Palavra-alvo
3	c/ anacruse	feliz	felicidade
		feroz	ferocidade
		viril	virilidade
		nocivo	nocividade
	s/ anacruse	dócil	docilidade
		fútil	futilidade
		móvel	mobilidade
		típico	tipicidade
5	(c/ anacruse)	metuculoso	metuculosidade
		repetitivo	repetitividade
		resolutivo	resolutividade
	s/ anacruse	dedutível	dedutibilidade
		dirigível	dirigibilidade
		divisível	divisibilidade
		suscetível	suscetibilidade

QUADRO 1 – PALAVRAS-ALVO

Deve-se notar que as palavras das células sombreadas, embora estejam categorizadas como “com anacruse” são, na realidade, palavras que apresentam três sílabas pré-tônicas. Portanto, dada a presente investigação, não é possível saber se essas palavras têm anacruse (formando-se, assim, um ritmo binário nas sílabas pré-tônicas) ou não (formando-se, assim, um ritmo ternário nas sílabas pré-tônicas). Dessa maneira, não se pode classificá-las como “com anacruse” por excelência. Mantém-se essa subcategorização, entretanto, para distinguir tais palavras daquelas que indubitavelmente não têm anacruse, que são palavras com duas sílabas pré-tônicas.

3.2 “DIÁLOGO-VEÍCULO”

Como já mencionado na subseção acima, foi criado um pequeno diálogo dentro do qual se inseriu as palavras-alvo. O diálogo é:

- O que você escreveu na lousa?
- Eu escrevi a palavra *palavra-alvo* na lousa.

Optou-se por utilizar um diálogo, e não somente uma sentença-veículo livre de contexto, pelo fato de uma sentença isolada dar margem a diferentes interpretações a respeito de sua estrutura informacional, o que desencadeia uma variação prosódica na produção da sentença em relação ao constituinte que se escolhe focalizar (GUIMARÃES; NISHIDA, 2011). Essa variação pode interferir no fenômeno que está sendo observado e, portanto, optou-se por um diálogo que só permite que os sujeitos interpretem o constituinte da palavra-alvo como um constituinte focalizado.

3.3 DISTRADORES

Entre as quinze palavras-alvo, inserimos dezessete distratores. Todos eles são palavras terminadas com o mesmo sufixo das palavras-alvo (*-idade*), mas com número par de sílabas pré-tônicas. A importância desses distratores consiste em evitar que o informante se vicia ou num ritmo “anacrústico” ou num ritmo ternário e acabe indistintamente produzindo todas as sentenças com um mesmo ritmo — o que pode acontecer, visto uma tendência geral à regularização rítmica de sequências semelhantes de sons. Segue abaixo um quadro com os distratores utilizados.

n.º sílabas pré-tônicas	Palavra
2	novidade
	mocidade
	validade
	gravidade
	caridade
	sanidade
4	possibilidade
	popularidade
	regularidade
	contabilidade
	visibilidade
	generosidade
6	representatividade
	comunicabilidade
	reprodutibilidade
	espetacularidade
	inaplicabilidade

QUADRO 1 — DISTRATORES

3.4 PROCEDIMENTO DE GRAVAÇÃO

Foram obtidas três repetições lidas de cada sentença-veículo, gravadas no Laboratório de Fonética da UFPR, de cada um dos dois locutores adultos (um masculino e outro feminino), ambos naturais de Curitiba-PR e na faixa etária entre vinte e vinte e cinco anos.

Para a gravação das sentenças, foi utilizado o Programa Audacity 1.3, com taxa de amostragem do sinal a 44100Hz. A análise dos dados foi feita através do programa PRAAT, versão 5.1.16.

3.5 UNIDADE DE ANÁLISE

Sabe-se que o melhor correlato acústico para o acento no PB é a duração. Portanto, o que foi analisado nos dados foi a duração relativa das unidades GIPC (grupo *inter-perceptual-center*), que são unidades que se iniciam no *onset* de uma vogal e se estendem até o *onset* da vogal seguinte (também conhecidas como unidades V-V). Por exemplo, para a palavra *mobilidade*, dentro da frase “Eu escrevi a palavra *mobilidade* na lousa”, temos a segmentação em GIPC /a#m/, /ob/, /il/, /id/, /ad/, /e#n/. O número de unidades GIPC de uma palavra será sempre igual a $(n+1)$, sendo n o número de sílabas da palavra.

A razão pela qual se escolheu medir a duração da unidade V-V, e não da unidade silábica, é que a primeira é uma unidade mais homogênea do que a segunda, pelo fato de haver uma compensação da duração intrínseca de segmentos consonantais nas vogais imediatamente antecedentes (BARBOSA, 2006, p. 42-44). Por exemplo, uma mesma vogal, quando precede segmentos oclusivos surdos como o [p], que são intrinsecamente longos, tende a ter uma duração menor do que quando precede segmentos oclusivos sonoros como o [b], que são intrinsecamente curtos.

4. EXPERIMENTO DE PERCEPÇÃO

O experimento de percepção foi realizado com os mesmos sujeitos do experimento de produção. Os informantes deveriam ouvir as gravações um do outro e julgar se ouviam uma proeminência secundária na primeira sílaba, na segunda sílaba ou se a localidade dessa proeminência secundária era inconclusiva.

Como já dito na seção dois, resolveu-se realizar um experimento de percepção ao lado do experimento de produção por haver estudos que mostram a possibilidade de os padrões métricos (onde emergiriam acentos secundários e terciários) terem

somente uma realidade psicológica e persistirem, portanto, independentemente da realidade do sinal.

Uma outra razão para a realização do estudo de percepção é que mesmo que os padrões rítmicos tenham uma realidade acústica, não é claro, para o caso do PB, que o correlato acústico para os acentos secundários seja a duração. Assim, além de testar a hipótese descrita na seção dois, este estudo testará também a eficácia da medida duracional para a obtenção das proeminências secundárias, ao realizar, em paralelo, experimentos de produção e percepção e comparar seus resultados.

5. RESULTADOS

Seguem abaixo as tabelas com os resultados (em porcentagem) de ambos os experimentos. A Tabela 1 mostra o resultado da duração relativa do GIPC, tomada mediante análise de espectrograma, e a Tabela 2 mostra o resultado do julgamento perceptivo dos informantes. As células sombreadas são aquelas que, segundo nossa hipótese, devem apresentar valor mais alto do que o valor das células dispostas nas mesmas linhas das outras colunas. Apesar de os informantes serem questionados a respeito da unidade silábica, a análise do espectrograma se deu sobre a unidade GIPC. O que está em jogo aqui é principalmente a duração do núcleo silábico, ou seja, da vogal. Logo, o resultado mapeia uma sílaba com o GIPC que compartilha o mesmo segmento vocálico. Por esse motivo, a Tabela 1 é subdividida em “1ª sílaba” e “2ª sílaba”, mas, na realidade, o que se quer dizer com isso é, respectivamente, “GIPC que se inicia no *onset* da V da 1ª sílaba” e “GIPC que se inicia no *onset* da V da 2ª sílaba”. Para julgar a inconclusibilidade da duração do GIPC, utilizou-se o valor de 1% de nível de significância. Dito de outro modo, qualquer diferença menor ou igual a 1% entre os dois GIPC analisados foi tomada como inconclusiva.

Palavras-alvo	Duração Relativa GIPC			Palavras-alvo	Percepção		
	1ª sílaba	2ª sílaba	Inconclusivo		1ª sílaba	2ª sílaba	Inconclusivo
felicidade	0	100	0	felicidade	100	0	0
ferocidade	0	100	0	ferocidade	83	0	16
virilidade	0	66	33	virilidade	66	16	16
nocividade	100	0	0	nocividade	66	16	16
MÉDIA	25	66	8	MÉDIA	79	8	12
docilidade	100	0	0	docilidade	66	16	16
futilidade	100	0	0	futilidade	66	0	33
mobilidade	100	0	0	mobilidade	33	0	66
tipicidade	0	100	0	tipicidade	50	0	50
MÉDIA	75	25	0	MÉDIA	54	4	41
meticulosidade	100	0	0	meticulosidade	50	33	16
repetitividade	33	0	66	repetitividade	16	16	66
resolutividade	66	16	16	resolutividade	33	33	33
MÉDIA	66	5	27	MÉDIA	33	27	38
dedutibilidade	0	100	0	dedutibilidade	0	16	83
dirigibilidade	0	83	16	dirigibilidade	50	33	16
divisibilidade	20	40	40	divisibilidade	60	0	40
suscetibilidade	0	20	80	suscetibilidade	0	60	40
MÉDIA	5	61	34	MÉDIA	27	27	45

TABELA 1 — RESULTADO DA ANÁLISE DO ESPECTROGRAMA

TABELA 2 — RESULTADO DA ANÁLISE PERCEPTIVA

Antes de analisarmos os resultados em relação à hipótese de partida, são necessárias algumas considerações a respeito das diferenças — não pequenas — que encontramos entre os resultados da análise espectral e da percepção dos sujeitos. A escolha pela medida da duração de unidades V-V como correlato para o ritmo no PB se deu, como já mencionado anteriormente, pelo fato de se saber que a duração é o melhor correlato acústico para a percepção do acento *primário*. Isso, entretanto, não parece ser verdade para a percepção do acento secundário, pelo que se pôde notar pela diferença dos resultados entre os experimentos elaborados.

O que parece estar acontecendo é ainda uma influência da duração intrínseca dos segmentos envolvidos, mesmo que tenhamos tentado minimizar esse efeito ao evitar o uso de vogais baixas e ao escolher o GIPC como unidade de análise. A influência da duração intrínseca se mostra bastante clara na análise dos dados cuja proeminência secundária obteve resultado de 100% em alguma das duas sílabas. É o caso, por exemplo, das palavras *felicidade*, *ferocidade*, *docilidade*, *futilidade*, *mobilidade*, *meticulosidade* e *dedutibilidade*. Em todos esses casos, vemos uma diferença significativa na duração intrínseca das consoantes que compõem os dois GIPCs em jogo: temos sempre uma africada ou uma fricativa, por um lado, competindo com uma oclusiva, uma líquida ou um *tap*, por outro, sendo que o primeiro grupo é composto de consoantes intrinsecamente mais longas do que o segundo, cujas consoantes são intrinsecamente curtas (cf. BARBOSA, 2006, p. 480). O efeito da duração intrínseca dos segmentos não parece afetar a análise do acento *primário*, já que a vogal primariamente acentuada é alongada de maneira considerável. A fim de ilustrar essa diferença no alongamento visível da vogal do acento primário, em contraposição à dificuldade de observar o acento secundário via duração, e de ilustrar a influência da duração intrínseca das consoantes dos GIPCs analisados, segue abaixo o espectrograma da palavra *ferocidade* subdividida em seus GIPCs (dentro do contexto “Eu escrevi a palavra *ferocidade* na lousa”).

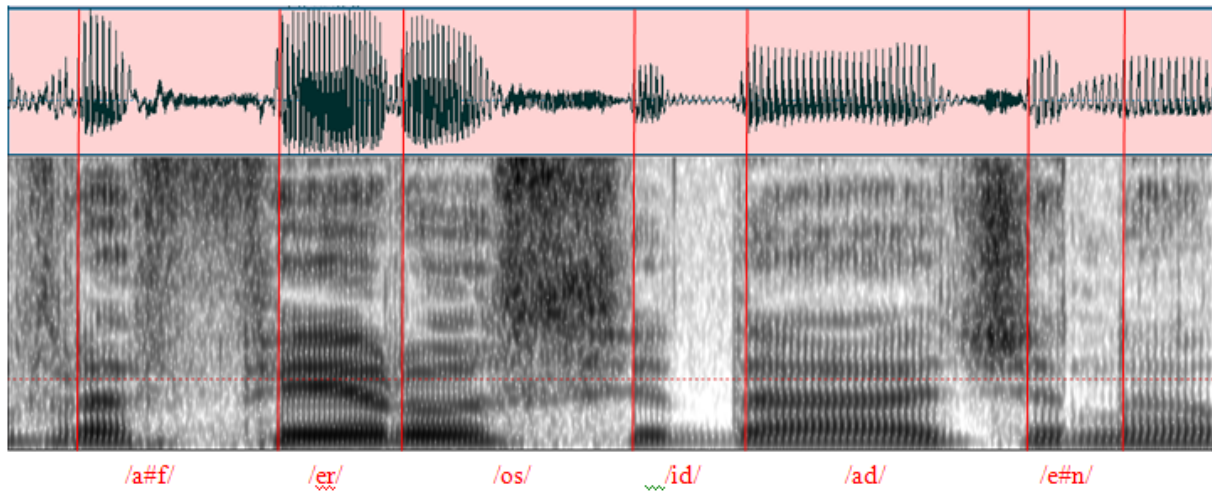


FIGURA 1 — ESPECTROGRAMA DA PALAVRA FEROCIDADE, DIVIDIDA EM SEUS GIPCs

Dadas as considerações acima, não nos parece coincidência que os GIPCs com uma consoante intrinsecamente mais longa tenham fornecido uma duração relativa maior do que os GIPCs com uma consoante intrinsecamente mais curta; mesmo porque esses resultados parecem independender dos resultados de percepção, o que fica bastante claro ao olharmos para os resultados dos dados *felicidade* e *ferocidade*. Afinal, ambas as palavras têm a consoante intrinsecamente longa no terceiro GIPC (/is/ e /os/, respectivamente) e, portanto, são esses os GIPCs que se mostraram mais longos em 100% da análise espectral. Entretanto, o teste de percepção mostrou um resultado oposto: a sílaba ouvida como secundariamente proeminente foi 100% a primeira sílaba da primeira palavra e 83% a primeira sílaba da segunda palavra (relativas aos GIPCs /el/ e /er/, respectivamente). Contudo, para que se constate mais precisamente a influência da duração relativa dos segmentos nos resultados, um experimento com um *corpus* mais extenso e com um maior número de informantes deve ser conduzido.

Voltando-nos agora para a análise dos resultados de acordo com a hipótese de partida, há uma afirmação da hipótese que já pode ser, de início, descartada. Isso tanto pelo resultado da análise espectral quanto pelo resultado da análise perceptiva: as palavras com três sílabas pré-tônicas cuja palavra de origem tem um ritmo

“anacrústico” (ilustrado pela palavra *virilidade* na seção dois, exemplo (4)) *não têm apenas uma* possibilidade de grade acentual, ao contrário do que se esperava. Alguns dados que descartam essa afirmação são *nocividade* (pelos dois resultados), *felicidade* e *ferocidade* (pelo resultado da percepção, somente).

Já a afirmação mais fraca da hipótese — a de que a grade acentual da palavra de origem influenciaria a posição do acento secundário na palavra derivada (dando margem à variação, e não definindo categoricamente a posição do acento secundário) — não pode ser nem corroborada e nem descartada pelos resultados de percepção de que dispomos, visto o resultado ter mostrado quase consistentemente uma proeminência secundária sempre na primeira sílaba, em especial nos casos de palavras com três sílabas pré-tônicas. Para as palavras com cinco sílabas pré-tônicas, curiosamente o teste de percepção teve como maior resultado a inconclusibilidade da localidade do acento secundário.

Quanto ao resultado da análise duracional dos dados em relação à afirmação mais fraca da hipótese, obtivemos que, para as palavras com três sílabas pré-tônicas, essa afirmação parece se verificar, mas quanto às palavras com cinco sílabas pré-tônicas, o resultado foi o oposto do esperado. Não temos, por ora, nenhuma hipótese alternativa que possa explicar esse comportamento.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste experimento piloto pareceu-nos mais levantar perguntas do que fornecer respostas. As perguntas que surgiram só poderão ser respondidas quando conduzidos novos experimentos desenhados especialmente para respondê-las. Das perguntas que surgiram durante a condução deste experimento, trazemos abaixo duas.

Apesar de termos utilizado o parâmetro da duração para analisar as proeminências secundárias de palavras do PB, sabe-se que existem outros parâmetros

que influenciam na percepção de uma proeminência rítmica, como a intensidade e o valor de F_0 . Como a duração é o melhor parâmetro para analisar a proeminência *primária* das palavras do PB, foi esse o que escolhemos para a análise de proeminências *secundárias*. Os resultados, entretanto, nos mostram que esse talvez não seja o parâmetro decisivo para a análise espectral de tais proeminências. No que diz respeito a essa discussão, pretende-se, em trabalhos futuros, medir os três parâmetros supracitados, ao lado de um teste de percepção, a fim de observar de que maneira esses parâmetros interagem entre si para favorecer a percepção da proeminência secundária de uma palavra.

O teste de percepção gerou resultados bastante surpreendentes não só para a nossa hipótese como também para o que se costuma afirmar a respeito do ritmo do PB: o PB tem forte tendência a gerar padrões rítmicos binários, tendência esta que é mais forte do que a de gerar padrões com acento à esquerda. Os resultados do nosso teste de percepção mostraram o contrário: os sujeitos perceberam uma proeminência na primeira sílaba na maioria das ocorrências das palavras-alvo — todas elas com número ímpar de sílabas pré-tônicas, o que, conseqüentemente, viola a preferência por um padrão binário. Para esse resultado surpreendente, arriscamos uma hipótese: a maneira como controlamos a posição das palavras-alvo dentro da estrutura informacional da sentença-veículo pode ter interferido no resultado. Possivelmente, foi o posicionamento das palavras-alvo em uma posição de foco (informação nova) que gerou esse resultado. Para investigar a plausibilidade dessa hipótese, é necessária a condução de experimentos que insiram essas mesmas palavras numa sentença e num contexto que a tratem como informação velha. Para isso, propomos que se insira a palavra-alvo em diálogos análogos ao seguinte:

- O que você escreveu na lousa?
- Eu escrevi a palavra *palavra-alvo* na lousa.
- E por que você escreveu essa palavra e não outra?

— Porque eu acho a palavra *palavra-alvo* fácil de escrever.

Com o diálogo acima, é possível ver o papel do lugar da palavra-alvo dentro da estrutura informacional da sentença em seu ritmo, quando pronunciada pelo mesmo sujeito em dois ambientes diferentes. Isso porque a palavra-alvo está, no mesmo diálogo, inserida em duas sentenças-veículo que devem ser pronunciadas por um mesmo sujeito: uma em que é informação nova e outra em que é informação velha.

7. REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. B. M.; GALVES, C. M. C. As diferenças rítmicas entre o Português Europeu e o Português Brasileiro: uma abordagem otimalista e minimalista. *D.E.L.T.A.*, v. 14, n. 2, 1998.
- ARANTES, P. *Integrando Produção e Percepção de Proeminências Secundárias numa Abordagem Dinâmica do Ritmo da Fala*. Tese (Doutorado em Linguística), UNICAMP/IEL, Campinas, 2010.
- BARBOSA, P. *Incursões em Torno do Ritmo da Fala*. Pontes: Campinas, 2006.
- CARVALHO, J. B. Phonological conditions on portuguese clitic placement: on syntactic evidence for stress and rhythmical patterns. *Linguistics*, v. 27, p. 405-436, 1989.
- FROTA, S.; VIGÁRIO, M. Aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação no PE e no PB. In: Encontro da Associação Portuguesa de Linguística, XV, 2000, Braga, Anais. Braga: APL, 2000, p. 533-555.
- GORDON, M. A factorial typology of quantity-insensitive stress. *Natural Language and Linguistic theory*, v. 20, p. 491-552, 2002.
- GUIMARÃES, M.; NISHIDA, G. Discutindo a forma e a função das sentenças-veículo em fonética experimental. In: Seminário do GEL, 59º, 2011, Bauru, Programação. Bauru (SP): GEL, 2011.
- PRINCE, A. Relating to the grid. *Linguistic Inquiry*, v. 14, p. 19-100, 1983.
- SADIE, S. (Ed.) *Dicionário Grove de Música*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- SELKIRK, E. *Phonology and syntax: the relation between sound and structure*. Cambridge, MA: MIT Press, 1984.

Submetido em: 10/08/2014

Aceito em : 27/08/2014